



## JOÃO GRILO E CANÇÃO DE FOGO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Maria do Socorro de Lucena Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O estudo tem como objetivo comparar as malandragens e espertezas de João Grilo e Cancão de Fogo, nas obras, *As Proezas de João Grilo*, de autoria de João Martins de Athayde e *Vida e Testamento de Cancão de Fogo* de Leandro Gomes de Barros. O referido estudo apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica e de natureza qualitativa. Para fundamentá-lo, colaboraram os seguintes: Pinheiro (2001), Peloso (1996) e Kothe (1987) que apresentam, com os seus estudos, fontes para desenvolver a comparação entre os personagens acima apresentados. Na obra, *O personagem, João Grilo*, é protagonista, que ao longo da narrativa apronta muitas malandragens para conseguir sobreviver. Ela está estruturada em algumas etapas, que vão desde a infância até a estabilização de João na sociedade. João Grilo é encarado como herói pícaro, que cai no gosto popular e que apesar das suas presepadas não é mal visto e, sim, admirado. Enquanto, a obra, *Vida e Testamento de Cancão de Fogo*, estrutura-se em duas seções: a primeira descreve a vida de Cancão de Fogo na sua infância e a segunda nos seus últimos dias de vida e o testamento por ele deixado. Cancão de Fogo é um ser presepeiro que vive das malandragens armadas pelo seu enorme senso de esperteza. Ambos, se apresentam espertos, matreiros e essas semelhanças motivou o interesse em realizar um estudo que apontasse os pontos de contato e possíveis divergências entre eles.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel, Personagens, Comportamento.

### INTRODUÇÃO

O estudo em discussão, destacam os cordéis, *As Proezas de João Grilo* e *Vida e Testamento de Cancão de Fogo*, uma vez que objetiva de forma geral comparar as malandragens e espertezas de João Grilo e Cancão de Fogo, bem como, apontar semelhanças e possíveis divergências entre esses dois personagens. Para isso, ressaltam-se as principais características de João Grilo e Cancão de Fogo, que se apresentam como pessoas que vivem no ambiente do Nordeste brasileiro.

O mundo fantástico e encantador dos livros de cordel acompanham a nossa prática pedagógica de professora da Educação Básica, de modo que, ao nos depararmos com essa produção, ao interpretar e socializar, na disciplina, Língua Portuguesa, em sala de aula, o interesse pelo cordel se intensificou. Resolvemos, então, estudar os folhetos de dois grandes cordelistas: Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. Esses autores têm em comum a criação de dois personagens atualmente bastante conhecidos: João Grilo e Cancão de Fogo.

---

<sup>1</sup> Professora Mestra em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);



Trata-se de duas figuras que se misturam ao carisma popular, constituindo-se tipos bem humorísticos. Configurando-se como seres espertos, matreiros, João Grilo e Cancão de Fogo pertencem ao ciclo dos anti-heróis, conforme já evidenciaram estudos acerca deles.

## **METODOLOGIA**

O estudo teórico-metodológico com base nos objetivos se categoriza como uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Os Cordéis são folhetos que trazem em suas páginas a narrativa de episódios reais e imagináveis, que no Nordeste brasileiro tem a sua maior expansão e aceitabilidade. O que antes era escrito em um número reduzido de folhas para ser decorado e facilitar a divulgação oral, expandiu-se e, com o surgimento de tipografias, os poetas passaram a escrever suas histórias e imprimir em papéis, tornando-se mais acessíveis à população.

Essas histórias, que eram vendidas, penduradas em cordões ou barbantes, nos locais mais movimentados, como nas praças, feiras e lá declamados ou cantados trechos para o público se interessar em conhecer toda a história narrada e adquirir os cordéis, compõem a denominada literatura de cordel. Almeida (*apud* BATISTA [et al.] 2004, p.137) afirma que, “[...] denominação literatura de cordel nasceu da presunção dos eruditos ou semi-eruditos de que os folhetos sempre foram vendidos escanchados num cordão.”

Segundo Almeida (*apud* BATISTA [et al.], 2004, p.137), os cordéis “[...] sempre foram expostos em tampas de malas, em lonas e esteiras estendidas no chão ou em bancos de feira”. A denominação literatura de cordel por sua vez é derivado de Portugal, que apresentava uma literatura semelhante e que, nos pontos de venda, penduravam os folhetos em cordões, empregando para impressão o papel jornal, material que também passou a ser utilizado no Brasil nas poucas produções.

Haja vista, apresentarem ambiente regional, cenários característicos da convivência das pessoas e uma linguagem, também regional, que faz com que o público reconheça a sua realidade e o seu mundo exposto de forma tão poética. Atrai os leitores e ouvintes dos folhetos, as histórias fantasiosas que, apesar de tratar de nomes de reinos distantes, apresentam os sonhos e a realidade do povo brasileiro. Essa constitui, inclusive, uma de suas principais características, aspecto que garantia e garante a atenção do público consumidor.



Para Meyer (1980, p.3) “O público apreciador desta literatura é geralmente constituído pelas camadas humildes da população rural ou urbana; mas há também leitores de classes mais elevadas que a admiram”. Isso se explica devido também à forma como as histórias eram escritas. Em forma de verso, com linguagem simples, e até tendo o interesse dos próprios poetas pelas narrativas.

A literatura de cordel chegou ao território brasileiro através dos lusitanos e foi sendo divulgada e misturada ao contexto cultural já existente, dando origem à poesia popular, que se expandiu aos poucos de geração em geração. Os poetas criadores das histórias eram apreciados por muitas pessoas, compondo o que se costuma chamar de literatura oral, mas Proença (1977, p.27) adverte que é “Um paradoxo, porque literatura subentende letra, e oral é justamente o que não tem letra. Dentro dessa literatura oral temos a poesia”.

No Brasil, mais precisamente no Nordeste, predominava mais a poesia oral, e alguns poetas passaram a escrever em cadernos as suas histórias para não serem perdidas. Depois, com a evolução das tipografias e as impressões de jornais, vários poetas começaram a imprimir suas poesias nas folhas para impressão de jornais, as quais chamavam de folhetos ou romances. Galvão (2001, p.27) informa que o nome literatura de cordel foi dado por estudiosos para classificar esse veículo de poesia da cultura popular.

A produção nesse sentido só seguiu os modelos das folhas soltas de Portugal que eram divulgadas no Brasil, e os poetas, embora muito devagar, começaram a adotá-las como referência, imprimindo suas poesias que traziam um caráter forte das poesias orais, pois já existia uma literatura de cordel nesse estilo, como afirma Moura, (*apud* MEDEIROS, 2004, p. 41): “[...] no século XVII, portugueses cegos repassavam nas feiras, a uma assistência ávida, as “folhas soltas” ou “volantes” narrando feitos fantásticos e registros cotidianos.”

Assim sendo, o cordel formou suas raízes no Nordeste brasileiro, local onde, segundo Medeiros (*apud* BATISTA [et al.], 2004, p.315), ocorreu “[...] a assimilação mais estável do português e do africano escravo”, considerando que já existia uma poesia oral no país presente na cultura indígena que, com a junção da portuguesa escrita e da africana musicada.

Com base em Pinheiro e Lúcio (2001), os primeiros cordelistas que surgiram saíram da zona rural para as cidades em busca de melhores condições de vida e levaram consigo as histórias ouvidas e cantadas. Passaram para o papel em forma de versos, semelhante ao ritmo poético dos declamadores ou violeiros, dos debates entre poetas repentistas. O ambiente onde mais predominava e era aceito a cantoria de viola era o rural, e, como as pessoas que lá viviam estavam em contato com essa cultura, ao sair para os grandes centros, levavam esse contexto com elas, começando a divulgá-las.



Os cordéis apresentam características peculiares na composição que vão desde a produção até a edição. São elementos essenciais que foram definidos pelos primeiros poetas editores. De acordo com a diversidade de temas existentes para caracterizar e diferenciar, passaram a ser escritos folhetos de pelejas, circunstâncias, ABCs e romances.

As pelejas são derivadas dos desafios feitos pelos cantadores de viola, alguns apenas transpostos para o papel e outros frutos da imaginação dos cordelistas, estes trazendo muitas semelhanças com a oralidade. Eram embates entre duas pessoas que duelam entre si para saber quem é o mais conhecedor de determinado assunto e vence aquela que mais e melhor falar, deixando a outra sem saída. É como afirma Luyten (1992, p.46): “[...] geralmente os poetas procuram dificultar os trabalhos do outro, mudando de tema ou estrutura poética.”

A xilogravura, primeiramente, originou-se nas folhas internas dos folhetos e, em seguida passou a integrar as capas a partir da década de 1940. Considera-se, hoje como elemento principal na produção da literatura de cordel. Souza (1981, p.75) afirma que “[...] em Alagoas, como em Pernambuco, a xilogravura começou o seu desenvolvimento pelos anos 1940. Um dos primeiros gravadores foi o poeta José Martins dos Santos [...]”.

As dificuldades financeiras sempre foram constantes para contratar o trabalho de impressão da zincogravura. É possível, atualmente encontrar ilustrações feitas, não apenas com a madeira, mas com a chamada linogravura, adaptação da xilogravura feita na borracha por José Ferreira da Silva, conhecido como Dila, conforme indica Pinheiro e Lúcio (2001, p.30).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os personagens Cancão de fogo e João Grilo são do mundo fictício, caracterizados pela esperteza e pela malandragem, fazendo parte do ciclo dos anti-heróis. Segundo Peloso (1996, p.147), os anti-heróis são descritos pelos poetas como: “[...] a estilização do matuto disforme e sujo, mas com inteligência e astúcia capazes de torná-lo vencedor contra os ricos e potentes [...]”.

Para expressar um desejo de vida melhor, os poetas criam personagens pícaros com espírito semelhantes a esse mundo que exprimem o sonho dessas pessoas de forma esperta e ao mesmo tempo usufruindo da malandragem presente em cada um. Para Kothe (1987, p.14): “O pícaro é o caniço que se dobra aos ventos para conseguir sobreviver: nele o que pensa é o estomago [...]”



Os poetas compõem este tipo de personagem como uma crítica à situação em que se encontra a sociedade capitalista. É o que assinala Kothe (1997, p.48): “[...] representa uma crítica indireta às condições proletárias de trabalho. O pícaro é um manipulador dos mil truques necessários à sobrevivência: ele é um “virador”, um artista da gigolagem. [...] o pícaro é a caricatura avessa do capitalista.”

Os heróis pícaros não gostam de trabalhar para ninguém e serem submissos àqueles que tem mais poder, preferem viver da malandragem para obter os meios de sobrevivência, sem ser necessário trabalhar, como é o caso de João Grilo e Cancão de Fogo. Caricaturados de forma muito engraçada, manipulam e conseguem alcançar os objetivos, acrescenta Kothe (1987, p. 49): “O pícaro faz-se de bobo, veste a roupa do riso: para melhor encenar a dança do acaso, a desvalia daquilo que pretende ser valor social supremo.”

A construção bem feita desda personagem pode conquistar o público leitor e ser bem aceito e expandir a fama. Para Brait (1985, p.52), “Qualquer tentativa de sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens esbarra necessariamente na questão do narrador, esta instância narrativa que vai conduzindo o leitor.”

A comédia presente nestas obras de Leandro Gomes e de João Ferreira pretende apresentar à população uma crítica à realidade enfrentada pela população mais carente, vítima do sistema capitalista.

O cordel, As proezas de João Grilo apresenta como personagem principal João Grilo, que ao longo da narrativa apronta muitas malandragens para conseguir sobreviver. A obra está estruturada em algumas etapas, que vão desde a infância até a estabilização de João na sociedade. O humor é a grande característica presente na narrativa. A infância de João Grilo e suas primeiras diabruras estão distribuídas nas primeiras 26 estrofes, nestas está também a descrição da personagem, mais precisamente na primeira estrofe:

João Grilo foi um cristão  
Que nasceu antes do dia  
Criou-se sem formosura  
Mas tinha sabedoria  
E morreu depois das horas  
Pelas artes que fazia. (p.1)

Nesta estrofe o autor define o perfil do personagem: esperto, malandro e continua descrevendo as características. Peloso, (1996, p.157) assinala que a personagem torna-se “[...] mais misterioso em função de estranhos presságios que acompanham sua vinda ao mundo”. Observa-se esse aspecto descrito na estrofe seguinte:





Na noite que João nasceu,  
Houve um eclipse na lua,  
E detonou um vulcão  
Que ainda hoje continua  
Naquela noite correu  
Um lobisomem na rua. (p.1)

É o anúncio de um ser que faz muitas presepadas ao longo de sua vida, e isto está presente logo na infância, especificamente nas estrofes em que com apenas sete anos de idade João prega peças a um vaqueiro e a um padre.

A partir das estrofes de número 27 João se vinga de um português que o havia denunciado pelas presepadas, que ele não esquecia. O herói frequenta a escola e trava disputa com o professor, esta é a quinta arte preparada pela personagem. Observa-se estas situações narradas entre as estrofes 33 e 45, seguindo do fato de que o Grilo após ouvir planos de um grupo de ladrões planeja estratégia para roubá-los. Este episódio estende-se até a estrofe 62.

João Grilo, após ter divulgado a fama de trapaceiro, desperta a curiosidade de pessoas da alta sociedade, que são bem instruídas, em conhecê-lo, e é convidado por um rei, sendo submetido a várias adivinhações.

Nessa visita ao rei João desmascara a falsa justiça do duque diante do desrespeito ao mendigo que aparece naquele palácio. Neste trecho, há uma crítica indireta aos mal tratos recebidos por quem menos tem condições na sociedade e a avareza dos poderosos.

É a partir daí, que João Grilo vai à corte de outro rei, disfarçado para mostrar que a importância que lhe dão é uma farsa. Apresentando-se como mendigo, recebe olhares de desprezo, mas ao vestir-se bem passa a ser recebido como merecia e mais uma vez João Grilo usa seu senso de humor para alfinetar a sociedade que mais valoriza o modo de vestir do que o ser humano com os seus valores pessoais.

O personagem de João Ferreira de Lima é apresentado de modo humorístico, encarado como herói pícaro, que cai no gosto popular e que apesar das suas presepadas não é mal visto, e sim, admirado pelos leitores, que o vê não como vilão, mas como um grande herói, aquela pessoa que consegue realizar-se na vida sem seguir normas estabelecidas pela sociedade. A esperteza e a malandragem são características fortemente presentes na personagem, vistas como essenciais pelos apreciadores desta literatura, que também têm os seus princípios, mas que não vê João Grilo como descumpridor destes seguimentos.

Este cordel é de autoria do grande mestre Leandro Gomes de Barros que se aprofundou também no ciclo das narrativas compostas por personagens pícaros, que dão vida ao povo expressando os sentimentos em um personagem tão cômico – Canção de Fogo é um ser presepeiro que vive das malandragens armadas pelo seu enorme senso de esperteza. Para



Peloso (1996, p.158): “Cancão de Fogo se apresenta, a partir do nome, como protagonista capaz de subverter qualquer coisa, desorientando os planos de seus adversários e conseguindo sempre enganá-los graças à sua arte superfina”.

A narrativa apresenta-se estruturada em duas seções: a primeira descreve a vida de Cancão de Fogo na sua infância, a segunda os seus últimos dias de vida e o testamento por ele deixado, sendo a primeira, composta por 198 estrofes e a última por 78, respectivamente.

A infância da personagem está repleta de malandragens. Nas primeiras estrofes está a descrição deste garoto munido de suprema esperteza, sendo que a narração já de início dá as características físicas, mas que para a capacidade mental não há explicação: No quengo é que não se pode

Dar dele uma descrição  
Só posso classificá-lo  
Como grande aberração  
Um caso extraordinário  
Enfeites da criação.(p.4)

Por ter perdido o pai muito cedo, Cancão e sua família passavam necessidades e, para não ver sua mãe passar fome, o moleque ia procurar meios de obter alimentos sem trabalhar.

A narração da vida desta personagem mostra as suas trapaças enquanto criança, desde a fuga de sua cidade natal, após ter enganado um senhor que mostrou-lhe a delegacia, afirmando ser um bom hotel de baixo custo e para isso recebendo uma quantidade em dinheiro, até chegar ao Rio de Janeiro. Mas até lá, ele passa por várias cidades do Nordeste brasileiro, pregando peças a delegado, a soldado, a padre e nesse ínterim conhece um garoto de nome Alfredo que era maltratado pelo padrasto e o acompanha nas artimanhas. Alfredo e Cancão tornam-se parceiros de caminhada e de armações, a fim de conseguir obter o possível para viver sem esforços. Cancão era odiado por toda a família, conforme se observa na estrofe seguinte:

Todos na casa queriam  
Ver o Cancão se acabar  
Dizia Cancão de Fogo:  
Pode tudo me odiar  
Amor não enche barriga  
Ódio não faz empachar. (p.5)

Mesmo assim, Cancão não esquecia sua mãe e sempre que conseguia um dinheiro o enviava para ajudar. O testamento de Cancão revela episódios da sua morte, que para ter um velório decente engana a um juiz.

Alguns dias após a morte de Cancão foi descoberto o engano. Cancão é descrito como pessoa que não gosta de trabalhar, se vale apenas da inteligência, raciocinando. Com a



esperteza, utilizando-se de estratégias de malandro, conseguiu construir uma família: deixou mulher e filhos que adquiriram como herança algumas estratégias de esperteza.

Comparar personagens como Cancão de Fogo e João Grilo é preciso analisar as características formadoras de suas personalidades e o que compõe esses personagens. Exímios pensadores que para se dar bem na vida usam de estratégias que não exijam trabalhar com a força física, Cancão de Fogo e João Grilo são personagens caracterizados com [...] uma inteligência superior que bate os adversários, possibilitando-lhes viver de expedientes e realizar o seu objetivo mais importante: evitar o trabalho como se fosse uma peste (PELOSO, 1996, p.157).

Grilo e Cancão são seres conhecidos no ambiente nordestino. O primeiro é um inseto saltitante que nunca fica quieto e é barulhento, já o segundo é uma ave muito esperta, que usa a habilidade que tem, em colher e guardar alimentos, para sobreviver em ambientes sofridos como o sertão nordestino. Daí a nomeação dos personagens Cancão de Fogo e João Grilo dos poetas Leandro Gomes e João Ferreira.

É com características semelhantes que o personagem Cancão de Fogo também é apresentado, como malandro de renome, devido às suas peripécias e argumentações arquitetadas para ser sucedido em situações adversas à própria vontade:

São descrições semelhantes a características do povo que reside na zona rural do Nordeste brasileiro, pessoas sofredoras e de família numerosa. Os personagens são caricaturas do homem sofredor que batalha pela sobrevivência, mais precisamente ajustadas àqueles que moram no campo, que se tornam heróis por lutar pela sobrevivência diante da miséria humana.

Os dois heróis (Cancão e João) são seres que têm muito em comum. Além das características físicas, nasceram dotados de um enorme senso criativo. Vivendo do esforço mental, o raciocínio era a sua arma, e desde os sete e dez anos de idade pregam peças nos adultos e também perdem o pai muito cedo, ainda quando eram crianças: “João perdeu o seu pai/com sete anos de idade [...]” (p.2). E Cancão um pouco mais velho, quando o pai faleceu: Cancão de Fogo já tinha /Nove ou dez anos de idade/Quando o pai dele morreu [...]” (p.5).

É a partir dessa realidade que estes seres entram em uma nova etapa da vida, sentem-se responsáveis em ajudar a família, já que o chefe da casa, como era considerado na época, é o pai e como já não existem fica para os filhos tal responsabilidade.

A transformação de vida é encarada tendo como referência o plano da esperteza. João Grilo frequentou a escola, mas mostrou-se mais sábio que o mestre e não se viu mais obrigado a continuar estudando.





Este fato na narrativa de vida de Cancão é desconhecido, não há relatos que frequentou a escola. Sua trajetória é atordoada com a discussão da honestidade, a honra que para ele não tinha utilidades.

Nesse contexto, estão inseridos a questão da ética e dos princípios morais que eram fortemente presentes nas famílias, e o esperto, por não crer nesta honestidade, tendo as suas explicações, é rejeitado pela família, inclusive pela mãe e o tio que assumia a figura do pai, mas apesar disso, Cancão não se deixa enganar e segue sua vida sozinho.

A honestidade para João Grilo não é problema, já que a mãe - único parente a ser revelado - comunga da mesma ideia do filho, como fica confirmado logo após um roubo que João faz a alguns ladrões e consegue o dinheiro para a alimentação.

Cancão de Fogo e João Grilo compartilham da mesma opinião em relação à honestidade presente em um mundo tão capitalista, onde o que compra tudo é o dinheiro, que passa a ter mais valor na sociedade do que os princípios e os valores morais.

Estes personagens desde a infância têm vasto currículo de presepadas: João Grilo com o apoio da mãe segue sua vida de rico frequentando a corte, após conquistar a admiração dos reis; e Cancão, na companhia de Alfredo, passa a viajar pelo Brasil, ainda criança, rumo ao Sudeste brasileiro, para onde vão os milhares de nordestinos em busca de uma melhoria de vida. Lá fica adulto e constrói família, vivendo das malandragens e espertezas, sem ser necessário roubar, a menos que não lhe dêem o que para esta criatura não é roubo, é “o direito sagrado” (p.14), ou seja, não importa o meio utilizado, mas a razão da necessidade.

Em síntese Cancão de Fogo e João Grilo apresentam ruptura com os valores instituídos pela sociedade e passam a ditar suas próprias regras de acordo com a situação momentânea e suas necessidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, os cordéis *As proezas de João Grilo e Vida e Testamento de Cancão de Fogo* possibilitou mostrar que João Grilo e Cancão de fogo, personagens principais dos folhetos de João Martins Athayde e Leandro Gomes de Barros, respectivamente, o quão semelhantes são estes personagens.

Vale destacar que o estudo possibilitou a ampliação do conhecimento que se tinha acerca da literatura de cordel, especificamente no que se refere à história desse veículo literário no Brasil.



Nesse sentido, espera-se que o estudo contribua com os trabalhos já existentes em torno da literatura de cordel, uma vez que a leitura dos folhetos revela a aproximação dos personagens com os nordestinos, acreditamos que essa literatura se afigura como mais uma opção de leitura para o conhecimento da cultura popular brasileira.

Os personagens João Grilo e Canção de Fogo apresentam semelhanças tanto físicas como também psicológicas, com a mesma forma de pensar e agir diante da realidade enfrentada. São dotados de espertezas para obter o que desejam e estão inseridos num ambiente já conhecido do público leitor transitando do ambiente rural para os grandes centros urbanos.

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, João Martins de. **As proezas de João Grilo**. Imprensa Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva, 1975.

BARROS, Leandro Gomes. **Vida e testamento de Cancão de Fogo**. São Paulo: Luzeiro Editora Limitada. s/d.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita; BORGES, Francisca Neuma Fechine et al. (Orgs.) **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2004.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial, 9.)

KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2. ed. São Paulo: Ática; 1987 (Série Princípios).

LIMA, João Ferreira de. **As proezas de João Grilo**. Fortaleza. Tupynanquim Editora, 2000.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril educação, 1980.

MEDEIROS, Irani. **No reino da cantoria sertaneja**. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), 2002.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Coleção literatura e ensino; 2).

PELOSO, Silvano. **O canto e a memória: história e utopia no imaginário popular brasileiro**. Trad. Sonia N. Salomão. São Paulo: Ática, 1996.



PROENÇA, Ivan Cavalcante. **A ideologia do cordel**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.

SOUZA, Liêdo. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores**. Recife//PE: Massagana - Fundação Joaquim Nabuco, 1981. (Série Monografias, nº 20).